

## DESCONSTRUÇÃO: AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Marcia Furlan de Almeida<sup>1</sup>*  
*Universidade Estadual de Campinas*  
*marciafurlan@gmail.com*

*Anna Regina Lanner de Moura<sup>2</sup>*  
*Universidade Estadual de Campinas*  
*lanner@unicamp.br*

### Resumo:

Partindo de dados de pesquisas que constatarem a reduzida presença de mulheres na área de exatas, e os resultados desfavoráveis obtidos pelas meninas em relação às avaliações de matemática, o presente texto busca subsídios a partir do marcador de diferenças gênero para problematizar a lógica binária das dicotomias. Nos propomos a investigar como práticas culturais mobilizadas no campo da atividade escolar constituem diferenças de gênero e produzem distintas formas identitárias de meninas e meninos. Utilizamos modos terapêutico-desconstrutivos para conduzir a investigação, na qual construtos como: práticas culturais, desconstrução, rastros de significação, jogos de linguagem, jogos simbólico-discursivos, jogos de cena, *performance*, transgressão, se mostram básicos para o desenvolvimento desta pesquisa.

**Palavras-chave:** Desconstrução; Gênero; Identidades; Modos de Subjetivação.

### 1. Introdução

A presença feminina na academia tem se tornado cada vez mais significativa, no entanto, no que diz respeito ao acesso a determinadas áreas de conhecimento, as dificuldades enfrentadas pelas mulheres permanecem, ainda que os movimentos feministas tenham avançado na conquista por igualdade de direitos.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas PHALA (Educação, Linguagem e Práticas Socioculturais).

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Ensino e Práticas Culturais da Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas PHALA (Educação, Linguagem e Práticas Socioculturais). Orientadora da pesquisa aqui referenciada.

No relatório “*Education at a Glance*”<sup>3</sup> de 2010, dos títulos acadêmicos de nível superior expedidos no Brasil, 63% foram recebidos por mulheres. Elas representam a maioria, assim distribuídas: 52% a 77% nas áreas de Educação; Humanidades e Artes; Saúde; Ciências Sociais, Direito e Administração; e Serviços. Contudo, são minoria nas seguintes áreas: 28% em Engenharia, Manufatura e Construção, 38% em Ciência e 41% em Agricultura.

Em relação à Matemática, o *Program of International Student Assessment* (PISA) de 2010, ao realizar a aplicação de testes de Leitura, Matemática e Ciências junto a jovens de 15 anos, em 32 países, incluindo o Brasil, nos apresenta um resultado inferior das meninas no tocante ao desempenho em matemática na grande maioria dos países participantes. Em se tratando da aprendizagem na matemática, “meninos e meninas se comportam diferentemente em atividades escolares [...]” (ANDRADE *et al*, 2006, p. 02), parece-nos que os resultados diferenciados obtidos por meninas e meninos, com destaque positivo para estes últimos nas avaliações, evidenciam esta afirmação. Andrade ainda afirma “que o tipo de resultado encontrado no PISA em Matemática é compatível com outros resultados internacionais obtidos em níveis de ensino superior à educação primária [*sic*]” (idem, p. 03).

Assim, a reduzida presença feminina na área de exatas, e os resultados desfavoráveis obtidos pelas meninas em relação às avaliações de matemática provocam-nos e levam-nos a formular perguntas que nutrem o nosso processo investigativo de pesquisa: como se gestam essas diferenças no contexto escolar? Como a escola, enquanto espaço multifacetado constitui diferenças de gênero? Como meninos e meninas se relacionam com a matemática escolar? Como as práticas escolares produzem uma cultura identitária de meninos e meninas? Como se produzem os discursos de gênero no campo da atividade escolar?

Tendo presente essas questões, propomo-nos a investigar como práticas culturais mobilizadas no campo da atividade escolar constituem diferenças de gênero e produzem distintas formas identitárias de meninas e meninos. Utilizamos modos terapêutico-desconstrutivos para conduzir as investigações, nos quais conceitos como: práticas culturais, desconstrução, rastros de significação, jogos de linguagem, jogos simbólico-discursivos, jogo

---

<sup>3</sup> Relatório publicado pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). Apesar dessa Organização, ser formada majoritariamente por países europeus, os dados referentes ao Brasil foram incluídos, objetivando análise comparativa. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/?shva=1#inbox/139dee4110cf1b72> por Carlos Orsi – jornalista e editor assistente da Revista Ensino Superior Unicamp.

de cena, *performance*, transgressão, mostram-se potentes para a problematização das práticas escolares no que tangem a questão de diferenças de gênero.

Em uma turma de 5º ano de uma escola pública estadual na cidade de Campinas, observou-se que nenhuma atividade é exclusiva, meninas e meninos participam das atividades juntos, os espaços são ocupados indistintamente. Esse é um panorama que se apresenta em um primeiro momento. Dia após dia a rotina se estabelece como elemento fundante das atividades sociais diárias (PAIS, 2003).

## **2. Entre recortar e montar sólidos geométricos: Paulinha está parecendo um menino**

A cena: Na sala, meninas e meninos estão envolvidos na atividade proposta: colorir, recortar os sólidos geométricos, identificar as arestas, os vértices e as faces. E Ricardo pergunta: - Professora, a Paulinha não está parecendo um menino com esse cabelo curto? Não teve uma só cabeça que não virasse na direção da menina, que ficou ruborizada e com os olhos marejados. A professora foi rápida em responder em voz firme: - Que besteira você está falando, não vê que isso é um padrão imposto? Tantas mulheres têm cabelo curto e isso não tem nada a ver. A menina argumentou: - Quando eu tinha cabelo comprido ele não dizia que eu era homem. E a professora finalizou: Não pensa mais nisso. Ele não vai falar mais, ele está proibido de falar assim, já expliquei para ele. Cena esta que denota estarem definidos significados de gênero nas formas estéticas que revestem o corpo de tal forma que ao se referir ao modo como se apresenta o corte de cabelo de uma menina ou de um menino pode ser ofensivo como parece ter sido nessa ocorrência de sala de aula.

## **3. Os discursos que nos constituem...**

Nessa incursão investigativa tomaremos como aporte teórico o pensamento de Foucault que nos assegura que “somos seres de linguagem” (2000, p. 20). No decorrer de sua investigação, ele desconstrói o sujeito como portador de uma essencialidade e ao abordar a sexualidade a partir da experiência (1984), aponta que a “experiência de si” dá-se num processo histórico bastante complexo, onde infinidades de discursos se atravessam produzindo verdades sobre o sujeito, práticas reguladoras do comportamento e formas de subjetividade que constituem sua interioridade.

Desta forma, compreendemos que a constituição das subjetividades se dá através dos diferentes lugares por onde o sujeito transita, pelas diversas práticas sociais das quais participa, sendo que muitas delas se dão no espaço escolar.

Larrosa (2002) diz que “as palavras fazem coisas conosco” (p.21), elas produzem sentidos, geram realidades, funcionando como mecanismos de subjetivação. O autor afirma que “as palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras” (idem). Assim, pensar não é apenas “calcular”, “argumentar”, “raciocinar”, como muitas vezes nos têm ensinado a escola. Primordialmente pensar é atribuir sentidos ao que nos acontece e ao que somos.

Como nos vemos (cá com os nossos botões)? Como nos vemos diante dos outros? Como nos vemos no palco da vida, diante do mundo? E ainda, como agimos diante de todos esses acontecimentos?

#### **4. As diferenças que nos constituem...**

Nas relações sociais as diferenças são demarcadas, e as formas como isso se dá depende dos sistemas de classificação de cada cultura. Essas formas proporcionam os meios através dos quais os sujeitos vão produzir significados e atribuir sentido ao mundo. Assim, identidades e diferenças são interdependentes, produzidas nos contextos das relações sociais, neste caso a sala de aula.

A demarcação de diferenças entre o “eu” e o “outro; “nós” e “eles”, tem se apresentado como a forma hegemônica de classificação no mundo ocidental. Produzindo binarismos que evidenciam posições de sujeito marcadas por relações de poder (Silva, 2000). Essa lógica binária produz relações assimétricas entre pólos demarcados: masculino/feminino, homem/mulher, razão/emoção, e tantos outros onde a dicotomia produz uma hierarquia entre os termos, e os primeiros estarão sempre numa posição privilegiada. Para Derrida, as oposições geradas pelas dualidades determinam relações de poder de um termo sobre o outro, de um significado sobre o outro que podem ser geradoras de violência.

Diante dessa polarização, Derrida (2004) propõe o desmonte da metafísica ocidental, com sua visão universal, através da qual se pretende encontrar a essência das coisas, que estão predispostas numa ordem fixa, imutável. Tais concepções fornecem elementos para se

estabelecer uma só verdade, uma identidade única e estável. O autor sugere a desconstrução como meio para operarmos esse desmonte.

Estaria o autor propondo a total destruição da metafísica ocidental e a construção de uma outra coisa? A respeito disto, busquemos esclarecimentos em Pecoraro:

[...] para Derrida, não é possível sair do horizonte metafísico. Não houve, nem haverá nunca, ultrapassagem, superação ou autosuperação. A metafísica acabou, a filosofia que se plasmava a partir dela também. Mas é impossível *dizer* este fim, porque, ao fazê-lo, o desmentimos, visto que temos de usar a linguagem da própria metafísica. [...] Não é possível escapar do círculo da metafísica, apenas se pode tentar um movimento infinito de desconstrução, disseminação, negação, que encarna em um agitar-se indefinido pelas suas margens. Este ‘labor’, porém, não é um método nem oferece uma chance, uma solução. Ele não acredita em si mesmo; não pretende desconstruir para depois edificar, a saber, atribuir novos significados, estabelecer novas prioridades ou novos ‘valores’. Desconstruir não é destruir, nem querer reconstruir depois da demolição (PECORARO, 2002, p. 52-53, *apud* MIGUEL, 2010, p. 189).

Nesse movimento infinito de desconstrução, busca-se desfazer o hegemônico através de um processo contínuo de questionamentos acerca das diferenças que se apresentam como oposições. Abrir caminhos para o heterogêneo, criar possibilidades de contestação dos estereótipos e de compreensão das múltiplas configurações do feminino e masculino.

## 5. Onde está o poder?

Referenciamo-nos nas análises de Foucault (2003) sobre poder, ou melhor, sobre a inexistência dele, já que o poder está em tudo e esparramado pelo tecido social. O que existe na verdade são inúmeras relações de poder que se estabelecem em diferentes níveis. E ao deslocar esse poder que se exerce, que é praticado para a educação, percebemos que o poder não se concentra nas professoras. Todos os sujeitos envolvidos nas práticas escolares também exercem o poder, inclusive os alunos e alunas.

Gore (2000) lembra-nos que “Foucault chama atenção para a necessidade de reconsiderar alguns de nossos pressupostos sobre a escolarização e de olhar de forma renovada e mais atenta para as “micropráticas” do poder nas instituições educacionais” (p.12). Nesta direção, buscamos conhecer as práticas escolares, os significados que nelas são produzidos e as dinâmicas das relações de gênero presentes. Com base em Foucault, podemos dizer que os

dispositivos<sup>4</sup> pedagógicos articulam sentidos específicos aos sujeitos por eles constituídos (a aluna/ o aluno).

Ao inserir esta pesquisa no espaço de resignificação das relações de gênero estabelecidas na escola, aprofundamos os sentidos para “compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana” (SCOOT, 1995, p.89). A autora contribui para o debate contemporâneo ao assegurar que o universo simbólico organiza socialmente o saber sobre os corpos e que este saber “não pode ser isolado de suas relações numa ampla gama de contextos discursivos” (1994, p. 13), dando centralidade assim, às linguagens e aos modos de conferir significados.

## **6. Considerações Finais**

Temos nos constituído homens e mulheres referenciando-nos na dicotomia do pensamento moderno. Compomos o mundo e a nós mesmos no jogo das polaridades. A oposição entre os pólos tem gerado relações assimétricas pautadas no binário: dominação-submissão. Pelo que pudemos perceber, essa visão rígida e polarizada tem produzido desigualdades e disparidade entre homens e mulheres em certas áreas do conhecimento.

É na desconstrução que encontramos a possibilidade de gerar um movimento contra essa lógica, ao mesmo tempo que possibilita a busca pelos processos que produziram a polaridade. Destacando que esses pólos não se opõem, antes, se complementam. Faculta que o masculino e o feminino se mantenham singulares e, na mesma medida, plurais.

Reconhecemos que a escola constitui-se num espaço desafiador à confrontação de idéias. Como questiona Silva se referindo ao campo educacional: “Onde mais as metanarrativas são tão onipresentes e tão “necessárias”? [...] E onde mais a “Razão” preside tão soberana e constitui um fundamento tão importante?” (2000, p.248). Sim! O espaço escolar através das suas práticas pode ser um lugar onde os binarismos gerem estereótipos e relações assimétricas de poder, mas também pode tornar-se um ambiente promotor de mudanças e emancipações.

---

<sup>4</sup> Termo utilizado por Foucault na tentativa de demarcar um conjunto heterogêneo o qual abrange “discursos instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos” FOUCAULT (2006).

## 7. Referências

- ANDRADE, Márcia *et al.* **Gênero e Desempenho em Matemática ao final do Ensino Médio: Quais as Relações?**. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP, 2006, Caxambú: Minas Gerais. Disponível em <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_249.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_249.pdf)>. Acesso em: 03 jul. 2011. p. 1-16.
- DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã: diálogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nau, 2003.
- \_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- GORE, Jennifer M. Foucault e Educação: Fascinantes Desafios In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 9-20.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. jan. fev. mar. abr. n. 19, 2002, p. 20-28.
- \_\_\_\_\_. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 35-86.
- MIGUEL, A.; VILELA, D. S.; MOURA, A. R. L. de. Desconstruindo a matemática escolar sob uma perspectiva pós-metafísica de educação. **Zetetiké**, Campinas, v. 18, número temático, 2010, p. 129-206.
- ORSI, Carlos. Mulheres são maioria com nível superior, mas homens dominam mercado de trabalho. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 18 setembro 2012. Disponível em: <<https://mail.google.com/mail/u/0/?shva=1#inbox/139dee4110cf1b72>>. Acesso em: 19 set. 2012.
- PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.
- SCOTT, Joan Wallach. Gender and politics of history. **Cadernos Pagu**. Campinas, v. 3, 1994. p. 11-27.
- \_\_\_\_\_. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, julh. - dez. 1995. p.71-99.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O Adeus às Metanarrativas Educacionais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p.247-258.